

VISÃO DO CORREIO

O conflito com o qual ninguém se importa

O mundo assiste a um momento de extrema tensão internacional diante das diferentes guerras em curso — a mais recente delas entre Israel e Estados Unidos, em uma ponta; e o Irã em outra. No entanto, um conflito em específico está longe dos holofotes da opinião pública e da mídia em geral: aquele que envolve o Sudão, país localizado ao sul do Egito, a oeste do Mar Vermelho.

Desde 2019, quando o ex-ditador Omar Al-Bashir foi retirado do governo local após quase 30 anos no poder, o Sudão vive uma nova onda do conflito interno — essa mais recente com enorme influência externa. A guerra civil local já dura, ao menos, desde os anos 1950.

Com a saída do ex-presidente, um governo de transição assumiu a gestão do país africano, mas um golpe de Estado, em 2021, dissolveu esse comitê, colocando duas forças diferentes em conflito: o exército local, liderado pelo general Abdel Fattah al-Burhan; e o grupo paramilitar Forças de Apoio Rápido (RSF) — milícias que existem desde o século 18, antes conhecidas como Janjaweed — financiado, principalmente, pelos Emirados Árabes Unidos.

Como bem escreveu o sociólogo Serge Katembera Rhukuzage — conhecido como Serge Katz, residente no Brasil e de raiz congolese —, o conflito atual não deve ser classificado como uma “guerra civil” e merece muito mais espaço na opinião pública, diante de um genocídio que já soma dezenas de milhares de mortos e cerca de 12 milhões de deslocados.

Como terceiro maior país do continente africano, o Sudão tem uma história marcada por intensas divergências entre os povos — uma delas resultou na independência do Sudão do Sul em 2011, a nação mais jovem do mundo atualmente. O território do Sudão foi alvo de expansão de áreas comerciais pelos egípcios e demais países árabes ao longo da história, com exploração do trabalho escravo e da riqueza mineral local, como bem explicou o historiador e pesquisador Rafael Almeida ao podcast *Café da Manhã, da Folha de S. Paulo*.

Recorrer a esse contexto histórico é fundamental para entender o atual momento do Sudão. Diante de uma ditadura em crise (a queda de Omar Al-Bashir em 2019), outras potências do mundo islâmico (cerca de

90% dos sudaneses seguem o islamismo sunita) aproveitaram a citada fragilidade para ter acesso às riquezas minerais locais.

Entre elas, aparecem, sobretudo, os Emirados Árabes Unidos, que negam qualquer envolvimento no conflito. Na prática, porém, financiam as milícias rebeldes para ter acesso ao ouro do Sudão, além das terras agrícolas abastecidas pelo Rio Nilo — diante de uma necessidade histórica de importação de alimentos por parte dos países do Golfo Pérsico.

É a partir desse enorme investimento dos Emirados Árabes Unidos que os rebeldes conseguem desafiar o exército local — além de um inventário bélico de décadas de guerra civil. O conflito passa pela capital Cartum e, principalmente, pela região de Kordofan (rica em ouro). Tudo isso evidencia, como bem explica o sociólogo Serge Katz, que não se trata de um conflito civil, mas de uma guerra entre o Sudão e os Emirados Árabes Unidos, com total anuência de outros países interessados.

Diante de tal cenário, que tira tantas vidas direta e indiretamente (pela fome e pela falta de acesso à saúde mínima), é lamentável que o mundo ocidental ignore completamente a guerra do Sudão. Ainda que este editorial seja apenas introdutório para uma questão mais do que secular, chama atenção como o poder dos Emirados Árabes Unidos tenha mais força que uma crise humanitária de tamanha procedência.

Chama atenção, ainda, como esse mesmo poder, obtido a partir do petróleo, é capaz de desviar os olhos da opinião pública por meio de investimento em eventos e agremiações esportivas, como os milionários elencos de Manchester City, Paris Saint-Germain e Newcastle no futebol, todos financiados diretamente pelos Emirados Árabes ou por aliados. Sem falar em etapas da Fórmula 1, lutas de boxe e torneios de tênis neste território.

A invisibilidade do conflito no Sudão é um reforço ao pensamento colonialista e racista do mundo ocidental, que vai muito além da Conferência de Berlim e da exploração que a seguiu. Mesmo após suas libertações, os países da África continuam alvo de profundas e complexas tentativas de aniquilação.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. » E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Oscar

Conforme era esperado pela crítica especializada, apesar de haver recebido quatro indicações ao Oscar 2026, nesta 98ª edição, o Brasil não ganhou estatuetas. Colecionador de prêmios internacionais — a exemplo de Cannes (França) —, o longa nacional foi derrotado pelo concorrente norueguês, quinto maior investidor mundial em educação (por aluno). No mesmo “ranking”, amargamos a 39ª posição, com implemento cerca de cinco vezes inferior. Atenção, autoridades constituídas pelo voto popular: arte é componente pedagógico da educação pública!

» Nelio S. Machado

Brasília

Espaços de Brasília

Os espaços públicos de Brasília estão sendo privatizados. Foi assim com o Complexo Desportivo de Brasília, Centro de Convenções Ulisses Guimarães, Museu JK, Rodoviária e agora já estão falando até na Torre de TV Análogica, tradicional ponto turístico do “nosso quadradinho”. De lá ainda podemos apreciar toda a beleza principal da “Capital de todos os brasileiros”. Apesar disso, vamos aproveitar e ver, lá de cima, enquanto podemos visitar sem pagar, a Esplanada dos Ministérios, Catedral, Museu da República, Estádio Mané Garrincha, Praça dos Três Poderes, dentre outras maravilhas da nossa capital. Daqui a pouco não poderemos mais visitar os nossos cartões-postais característicos, da criação do grande estadista Juscelino Kubistchek e seus maravilhosos colaboradores — Oscar Niemeyer, Lucio Costa, entre outros brilhantes auxiliares, sem pagar uma taxa aos particulares que vencerão as licitações. Cheguei a Brasília em 1974 e tinha muita alegria e prazer em mostrar esses pontos tão importantes de nossa capital aos nossos amigos e parentes que vinham conhecer a cidade, sem pagar nada. Antigamente era uma beleza só. Atualmente, já se iniciando as privatizações das belezas arquitetônicas e desses espaços turísticos da história de nossa capital, vai ficar mais difícil. Agora a cidade passa a ser de propriedade dessas empresas particulares e teremos que desembolsar alguns reais. A quem interessam estas “doações”?

» João Coelho Vítoia

Asa Norte

Doge

O governo Trump criou a Doge — Departamento de Eficiência Governamental, (aquele que teve Elon Musk como idealizador e coordenador), que, entre outros objetivos, buscava reduzir o tamanho da burocracia federal. No papel, a ideia parece excelente; na prática, porém, foi desastrosa e perigosa. Importantes pesquisas científicas foram canceladas. Programas relevantes foram implodidos com alegações absurdas, sempre marcadas pela negação da ciência. Como tudo o que Donald Trump faz costuma servir de espelho para a extrema-direita daqui, o risco de repetirmos esse caminho é real.

» Marcus Aurelio de Carvalho

Santos (SP)

Cuba

Cuba precisa de reformas, diálogo e abertura, mas precisa, sobretudo, que essas escolhas sejam feitas pelos cubanos. A interferência estrangeira não corrige as

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

“O fanático é incorruptível: se não pode converter, destrói.”

Emil Cioran
escritor e filósofo romeno
1911-1995

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Pela autocontenção do Judiciário, prega Fachin. Só espero que o judiciário não fique “facin” nem “fraquin”.
Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Foragido do 8/1 obteve asilo político na Argentina fazendo uso dsee fake news, afinal, elas são úteis... Úteis aos propósitos de extremistas de direita e afins, bem entendido!
Marcos Paulino — Vicente Pires

Em vez de preocuparem com as barras de ginástica, as autoridades deveriam se preocupar com a barra pesada que os pacientes da rede pública de saúde estão enfrentando.
Margarida Oliveira — Sobradinho

Esperamos que os ladrões do INSS, inclusive os blindados, também recebam o devido revés na forma da lei.
Gustavo Scherer Correa — Santa Maria (RS)

Não tolero quem disfarça o ataque ao fim da escala 6 x 1 como defesa dos pequenos negócios, a exemplo do governador do Paraná, Ratinho Júnior. Seria mais digno admitir que simplesmente prefere o interesse dos patrões.
Benício Savarino — Pombal (PB)

desigualdades, não ilumina os apagões, não devolve a dignidade. Apenas desloca o centro de decisão para fora da ilha. Em tempos de crises globais e tensões regionais, defender a autodeterminação não é apoiar os governos, é apoiar os povos. Será que o Trump, eterno candidato ao Nobel da “Paz”, já pensou nessa possibilidade? Deixo aqui a sugestão.

» Paccelli M. Zahler

Sudoeste

6x1

A discussão sobre o fim da escala 6x1 não é apenas contábil, é humanitária. O que para o balanço financeiro de uma empresa aparece como um ajuste irrelevante, para o trabalhador representa um ganho imensurável de tempo de vida. Reduzir a jornada para 40 horas semanais é devolver ao pai e à mãe o direito de educar os filhos; é permitir que o descanso não seja apenas um intervalo entre turnos, mas um momento real de convívio social e lazer. Enquanto o empregador pode até economizar com logística e manutenção, o trabalhador ganha o que o dinheiro não compra: a dignidade de estar presente na própria história. Afinal, a eficiência de uma empresa não deve ser medida pelo esgotamento de quem a faz funcionar.

» Gilberto Pereira Tiriba

Santos (SP)



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Cuba libre, pero no así

Devo ter lido a *Trilogia Suja de Havana e O Rei de Havana* mais de uma vez. Impresionei-me com o relato cruento que Pedro Juan Gutiérrez traçou sobre Cuba do início da década de 1990, afetada por grave crise econômica após o colapso da União Soviética. Em meio à fome e à tentativa desesperada de sobrevivência, muitos cubanos resistiam a atravessar o Estreito da Flórida para recomeçar a vida nos Estados Unidos. Estavam umbilicalmente ligados à ilha caribenha, assim como uma árvore se sustenta sobre raízes fortes.

Cuba é um paradoxo em si mesma. Os carros da década de 1950, os prédios de arquitetura soviética e o vaivém de turistas norte-americanos pelas ruas e vielas de Habana Vieja são um contraste entre passado e presente. Estive na ilha 14 anos atrás para cobrir a visita da então presidente Dilma Rousseff.

Vi gente hospitaleira e sorridente, mas também melancólica. Famílias sentadas sobre a mureta do Malecón em um domingo de calor extenuante. Pichações e fotos alusivas à Revolução Cubana e às figuras de Ernesto Che Guevara e de Fidel Castro, que morreria quatro anos depois. Conversei com cubanos comprometidos com o ideário revolucionário, mas também com gente que sonhava em estender seus horizontes e conhecer o Brasil, por exemplo.

Cuba mergulha de novo na crise

econômica, agora deflagrada pelo intervencionismo dos Estados Unidos na Venezuela, seguido pelo bloqueio ao envio de petróleo. A ilha caribenha merece ser livre das maze-las históricas de um regime falido, mas não dessa forma. O mesmo país que impôs um embargo sufocante à economia da ilha caribenha acena com um golpe de Estado.

Donald Trump afirmou, nesta segunda-feira, que terá a “honra” de tomar Cuba e de “fazer o que quiser”. Aparentemente, o republicano pretende transformar o território cubano em apêndice de Miami, solapar o regime e tornar a ilha mais um bastião capitalista. Isso remonta ao colonialismo de séculos atrás. Se alguém imagina que Trump apenas pretende “salvar” Cuba do “comunismo”, esquece-se que o Tio Sam busca lucro e posicionamento geoestratégico no Caribe.

Não me surpreenderia se, em alguns anos, resorts gigantescos com a marca Trump fossem construídos em Varadero, e estátuas do presidente americano apagassem o culto às figuras de Che e de Fidel. Não me causaria espanto se arranha-céus crescessem como monumentos ao capitalismo, descaracterizando o que Havana tem de mais charmoso e inquietante. Aos cubanos, apenas lhes resta endurecer, perdendo ou não um pouco da ternura. E não deixarem seduzir-se pelos arroubos de um presidente que acredita ser o dono do mundo.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA	ASSINATURAS*
Localidade	SEG a DOM
DF/GO	R\$ 5,00 R\$ 7,00
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp	SEG a DOM R\$ 1.187,88 360 EDIÇÕES (promocional)
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.	
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp	

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

ANJ WZ
associação
gráfica

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotografias são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br